

**GT-3 CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE****O RACISMO COM CRIANÇAS NEGRAS POR MEIO DE APELIDOS E  
XINGAMENTOS: A CONJUNTURA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL****JOÃO VITOR DA SILVA BORGES**

31 de outubro de 2025

**RESUMO**

Este trabalho busca analisar como os xingamentos e apelidos racistas atravessam diferentes temporalidades e impactam a vivência de crianças negras brasileiras, além de discutir como essa especificidade do racismo na infância afeta a população negra como um todo. Com abordagem exploratória e qualitativa, fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise de reportagens, produções audiovisuais e observações do autor. O texto busca evidenciar como o racismo estrutural se manifesta na linguagem cotidiana e reforça estigmas desde a infância, partindo da conjuntura histórica escravista até suas repercussões na cultura e mídia contemporâneas. Busca-se compreender os efeitos sociais e culturais dessas práticas linguísticas na construção da identidade infantil e coletiva, também fazer considerações sobre o impacto na saúde mental nesse recorte. Além disso, discute-se a diferença entre representação – como instrumento de poder e manutenção da hegemonia branca – e representatividade, como expressão da luta da população negra por protagonismo e construção digna de sua identidade, raça e cultura.

Palavras-chave: racismo, infância, xingamentos, saúde, cultura.

***ABSTRACT***

This work seeks to analyze how racist insults and nicknames cross different temporalities and impact the experiences of Black Brazilian children, in addition to discussing how this specificity of racism in childhood affects the Black population as a whole. With an exploratory and

qualitative approach, it is based on bibliographic review, analysis of news reports, audiovisual productions, and the author's observations. The text seeks to highlight how structural racism manifests itself in everyday language and reinforces stigmas from childhood, starting from the historical context of slavery to its repercussions in contemporary culture and media. It aims to understand the social and cultural effects of these linguistic practices on the construction of both individual and collective identities, as well as to make considerations about their impact on mental health within this racialized framework. Furthermore, it discusses the difference between representation – as an instrument of power and maintenance of white hegemony – and representativeness, as an expression of the Black population's struggle for protagonism and a dignified construction of its identity, race, and culture.

*Keywords:* racism, childhood, insults, health, culture.

## INTRODUÇÃO

O impacto que o racismo pode causar na autopercepção e concepção de vida de uma criança negra é muito significativo, notoriamente imensurável e proporcionalmente nocivo. Por não se tratar de um fenômeno que se observa somente de forma quantitativa, friamente numérica e neutra, analisar os efeitos que o racismo provoca na sociedade requer uma atenção ampliada, tanto na esfera social quanto no contexto político, além da perspectiva em saúde mental. Os atos de preconceito racial se escoram nos estigmas sociais que vêm afetando há séculos e em espectro toda a população negra, frente ao fato de que no Brasil o preconceito de raça se estabelece a partir da colonização desse território pelo império português. Processo que ocorreu de forma violenta, desordenada e exploratória. Entretanto, a análise da relação entre a escravização e a manutenção do racismo como forma de hierarquização até os dias atuais precisa considerar que a escravização brasileira se diferencia como a que executou o maior tráfico negreiro registrado, além de ter sido o regime escravocrata mais duradouro da história. Por ter sido a última nação no mundo a abolir a escravização, o Brasil é reconhecido como um dos países mais difíceis para a população negra se reconstituir como grupo social organizado e viver dignamente.

Como pessoa pertencente à comunidade negra que obviamente já foi criança, guardo na memória os episódios racistas aos quais fui exposto nesse período. Por isso, as proposições sobre racismo descritas neste trabalho também se baseiam nessas experiências, a partir das

relações que estabeleci em todas as instituições de uma sociedade ocidental comum, ou seja, na família, na escola, na igreja e no universo do trabalho. O que será elaborado a partir das referências bibliográficas dialogará diretamente com essas memórias, que hoje são recobradas com criticismo, dor e análise sócio-histórica.

Tudo com que uma pessoa negra se depara na literatura sobre as percepções sociais e coletivas de suas relações e existências se conecta de forma profunda com o seu próprio repertório e consciência. Ao escrever sua crítica sobre a obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (2020), que descreve os impactos destrutivos da internalização de ideias colonialistas nas pessoas negras, Francis Jeanson (2020) menciona, no prefácio da versão de 1965, que as únicas verdades que vão encontrar aceitação aos olhos de quem ler o livro são aquelas que tiverem passado pelo seu corpo e queimado a sua carne.

Um dos catalisadores do interesse no tema central desta monografia é que, durante a especialização, em 2023, o texto *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, do sociólogo Oracy Nogueira (1955), estava no currículo e serviu de inspiração para o texto final da disciplina. Nesse livro, Nogueira apresenta a observação de que o termo “urubu” aparecia como um dos apelidos dados às crianças negras naquela região e, ao me deparar com essa parte do texto, recordei uma experiência pessoal: também fui uma criança negra que teve “urubu” como apelido durante a infância, nos anos 2000. As similaridades nos termos obviamente não causaram surpresa; não me parece possível que vivenciar a mesma forma de violência seja apenas coincidência! O racismo tem capilaridade e funciona em espectro. Observar esse xingamento como uma experiência coletiva trouxe alguns questionamentos: qual a temporalidade e desde quando é assim? Como esse fenômeno impacta as crianças negras? Como se forma o repertório e o alcance dos xingamentos e apelidos de motivação racista, ainda tão presentes e longevos na cultura brasileira? (Nogueira, 2007).

As elaborações entre as referências bibliográficas que serão descritas neste trabalho se posicionam no desafio de apresentar o cenário de que, ao se tratar de racismo, poucas são as experiências individuais, principalmente as que têm relação direta com a cultura e a identidade do Brasil. Além disso, as construções e ideias desta monografia consideram tanto minhas vivências como educador quanto as associações do meu repertório enquanto psicólogo clínico, aliando estudos em ciências sociais e psicologia. Nesse mesmo sentido, e arriscando parafrasear as palavras de Francis Jeanson, é pouco provável que, ao ler o texto a seguir, uma pessoa negra

não vá sentir que essas vivências também tenham passado pelo seu corpo ou não tenham queimado a sua carne de alguma forma.

Durante a minha vivência como educador infantojuvenil no programa Curumim do Sesc Guarulhos, foi possível observar nas relações entre os educandos que existia a prática de apelidar crianças não brancas com nome de personagens e ícones negros midiáticos. O ímpeto de usar, de forma estereotipada, o nome de personalidades como rappers, músicos, esportistas, apresentadores ou personagens de novela, desenhos, filmes e séries como apelido se apresentava com frequência naquele cotidiano, evidenciando um tipo comum e pessoalmente reconhecível de recreação racista. Além de promover medo nas crianças negras que receiam a sua despersonalização, a prática demonstra a ideia de desproporcionalidade, já que, apesar de a apelidagem não ser um fenômeno restrito às crianças negras, era mais comum e menos afetiva com elas, além de ser mais suscetível à ampla adesão no restante do grupo.

A despersonalização, nesse contexto, refere-se à definição psicanalítica defendida por David Zimmerman (1999, p. 184), que indica o fenômeno psíquico como um distanciamento do “eu”, ou seja, uma drástica redução de sua personalidade e identidade a partir da mediação do ego, interação que se dá especificamente na relação com o outro. Crescer se relacionando com “outras” pessoas que reproduzem um repertório racista torna o sujeito dessa relação mais suscetível à despersonalização e ao desprazer psíquico com muita intensidade. A exemplo disso, estão os episódios em que um dos educandos foi apelidado de Vini Júnior somente por ser negro e jogar futebol nos intervalos. As chamadas eram em tom irônico, “piadista”, sempre executadas em voz alta, em rodinhas ou em momentos de atrito, necessitando de intervenção e repreensão por parte dos adultos educadores em vista do explícito constrangimento para a criança apelidada.

Certamente, essa experiência também se conectou às minhas próprias vivências. Reconheci até mesmo a indiferença por parte de alguns familiares que eram responsáveis pelas crianças que ofendiam e, assim como acontecia comigo, vários deles não entendiam a atitude das suas crianças como expressão de racismo, e sim como “brincadeiras” comuns entre os grupos. Por isso, nem todas as intervenções foram fáceis e resolutivas, mas sempre aconteceram frente aos episódios. Somado a isso, nos damos conta de que a estrutura e a cultura do racismo são permeadas pelo medo das pessoas de assumir responsabilidade, formada pela naturalização dessa violência, principalmente com crianças. Ao trazer essas referências entrelaçadas com as

minhas memórias, busco representar a ideia de que não existe imparcialidade neste texto. Sobre a relação entre pesquisa e pesquisador no contexto do genocídio negro e do racismo, Abdias do Nascimento (2016, p. 9) diz: “Não está o autor deste interessado em qualquer exercício de ginástica teórica imparcial e descomprometida. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação do grupo étnico da qual pertença, interagindo no contexto global da realidade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define”. Ao acolher esses dizeres, procuro indicar que esta pesquisa não exclui as experiências empíricas e ainda as compreende como fundamentais para a construção coletiva da luta antirracista (Nascimento, 2016).

Como indica o livro *Lugar de Negro*, pela análise de Carlos Hasenbalg (1982, p. 105), o cinismo da população com relação às questões raciais no Brasil subverteu o espectro de atitudes consideravelmente racistas a uma falsa ideia de democracia racial. Tal crença de convivência harmônica entre negros, brancos e indígenas foi fortemente construída com base na obra de Gilberto Freyre (1998), que, apesar de nunca citar a existência de uma democracia racial, defendeu a ideia de que o Brasil poderia ser menos segregado que os Estados Unidos. Além disso, Freyre sugeriu que existiam relações afetivas entre senhores e escravizados. Com o tempo e a aplicação dessas e outras ideias na sociedade, as afirmações freyrianas se transformaram em crenças que fomentaram, proporcionalmente, uma das ideologias mais prejudiciais ao desenvolvimento biopsicossocial das pessoas negras brasileiras, segundo Hasenbalg: a suposição de que não existe racismo no Brasil. Esse é apenas um dos fatos que impediu, por décadas, a reivindicação dos negros a direitos básicos de convivência em sociedade de forma igualitária e equitativa, ao vivenciarem suas demandas na realidade segregada e racista que afetou suas conquistas e cessou suas oportunidades, mas sem a chance de denunciar o racismo como causa de suas mazelas (Hasenbalg, 1982).

O artigo adota o método de pesquisa exploratória, que, conforme Gil (2008), busca oferecer uma visão geral e aproximativa de um fenômeno, ampliando a familiaridade com o tema. Essa abordagem é considerada adequada para analisar as múltiplas dimensões históricas e sociais que compõem a trajetória da população negra no Brasil. Com base em procedimentos como revisão bibliográfica, análise de notícias, produções audiovisuais e observações do autor, o trabalho segue a perspectiva de Vergara (2016), que aponta a flexibilidade da pesquisa exploratória para construir referenciais teóricos iniciais e delimitar objetivos e hipóteses.

Assim, o artigo se configura como uma produção que contribui para o aprofundamento de futuros estudos sobre o racismo e suas expressões na cultura brasileira

## Capítulo 1 – ESCRAVIZAÇÃO E GENOCÍDIO NEGRO NO BRASIL

A década de 1530 inaugura o cruel fenômeno da escravização negra no território brasileiro. Pertencente à Península Ibérica e sustentado pelo massacre indígena em curso, o Brasil torna-se o cenário da ascensão de Portugal enquanto império, por meio da captura e transporte de africanos de forma desumana. Essa história simultânea entre a colonização e a chegada do povo africano forma a base para compreender a trajetória das relações étnico-raciais no país. Segundo Abdias Nascimento (2024, p. 57), “É a escravização que define a qualidade, a extensão e a intensidade da relação física e espiritual dos filhos de três continentes que aqui se encontraram”. O encontro entre negros africanos, brancos europeus e indígenas nativos se fez o cerne da nossa formação enquanto nação, mas é a escravização que estabelece e sistematiza essas relações marcadas por violência, catequização, despersonalização e domínio. Mesmo com resistências, o regime de escravização perdurou por mais de 300 anos e teve fim institucional apenas em 1888, deixando como herança a maior diáspora e o maior genocídio negro da história (Nascimento, 2024).

O genocídio se configura por ações sistemáticas que promovem a destruição física, mental e cultural de um grupo. Feierstein (2007, p. 16) amplia o conceito ao afirmar que se trata da execução de um plano de larga escala para destruir um grupo humano, no todo ou em parte. Assim, compreende-se que as práticas genocidas no Brasil se manifestam tanto em formas explícitas de violência quanto em mecanismos sutis que exauram as condições de vida e dignidade da população negra. A noção de raça surge nesse contexto, em consonância com a violência racista. Linnaeus (1758) sistematiza a classificação racial ao definir hierarquias entre os povos, classificando europeus como superiores e africanos como preguiçosos e negligentes.

Nos séculos seguintes, teóricos eugenistas como Gobineau (1855) e Nina Rodrigues (1932) reforçaram essas ideias, descrevendo o Brasil como uma sociedade degenerada pela miscigenação. Rodrigues afirmava que “as raças inferiores não podem aspirar senão a uma imitação imperfeita da cultura das raças superiores”, reforçando o racismo “científico” que permeou a formação social brasileira. Essa perspectiva impulsionou o projeto de

branqueamento, como apresentado em 1911 por João Baptista de Lacerda, que defendia que, através da miscigenação, o negro desapareceria em 100 anos. Lélia Gonzalez (2020, p. 76) aponta que o discurso de harmonia racial surge de forma violenta, impondo ao negro o conhecimento do seu “lugar” e perpetuando a hierarquia racial.

## **Capítulo 2 – REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: CONDIÇÕES OBJETIVAS DO SE FAZER XINGAR**

A ação de xingar uma pessoa negra é uma herança direta da escravização, alimentada por séculos de inferiorização simbólica. A mídia reforça esse padrão ao retratar pessoas negras em papéis subalternos, estereotipados e caricatos produzindo insumos robustos para o fazer xingar. Hasenbalg (2022, p. 126) observa que “a identidade do negro está basicamente definida pelo branco”. Fanon (2024) complementa: “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades com seu próprio esquema corporal”, mostrando que o racismo produz cisão psíquica entre corpo e identidade.

Neusa Santos Souza (2021, p. 27) explica que o ideal do ego se forma na interação entre sujeito e cultura, processo que ao negro é, em grande parte, sonogado. A ausência de espelhamento simbólico e afetivo interrompe o desenvolvimento da identidade, gerando despersonalização — fragmentação e distanciamento do próprio eu. Essa condição, agravada pela falta de representações positivas, produz sofrimento e impacta a saúde mental desde a infância. Zimerman (1999, p. 103) indica que a interrupção do encantamento natural da infância, provocada pelo racismo, prejudica a formação da personalidade e pode deixar sequelas psíquicas duradouras.

A associação entre representações marginalizadas e políticas excludentes se traduz em uma cultura que desumaniza crianças negras. Eurico (2020, p. 27) observa que a “valorização da violência doméstica como prática educativa” e o racismo tornam essas crianças vulneráveis à violência física e simbólica, inclusive fora do núcleo familiar. A infância negra é constantemente privada de afeto, pertencimento e cidadania, sendo invisibilizada em espaços que deveriam protegê-las.

## **Capítulo 3 – DISPARADORES SOCIAIS DA INFÂNCIA: O VETO À INOCÊNCIA, À INGENUIDADE E AO AFETO**

Virginia Bicudo (1955, p. 237) observou que meninas negras sofriam mais rejeição, tanto de crianças brancas quanto de outras negras influenciadas pela exclusão. A internalização do racismo surge como defesa diante da rejeição maior. Adjetivos como “mal-educadas”, “sujas” ou “relaxadas” comprometem o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança negra. Setenta anos depois, o aumento de denúncias de racismo em escolas paulistas demonstra que a discriminação persiste como estrutura de poder.

Xingamentos, invisibilização e falta de afeto são expressões de um mesmo sistema que atua social e psicologicamente, produzindo sofrimento e afetando a saúde integral da população negra. Pensar o racismo na infância é pensar na manutenção do genocídio simbólico que opera na linguagem, nas representações e nas relações cotidianas. Reconhecer e romper com essa herança é condição para construir uma sociedade que promova vida, identidade e saúde para todas as crianças, mas especialmente as negras. Nesse sentido, a ausência de representações positivas em brinquedos, narrativas e em diversas brincadeiras reforça o racismo por exclusão, privando a criança negra de referências saudáveis (Santos, 2025). Isso enfraquece o pertencimento e impacta diretamente sua saúde mental. A desconsideração da criança negra como merecedora de afeto, reproduz a lógica de desumanização histórica, apagando direitos à infância plena e enfraquecendo os pilares da integridade de sua existência biopsicossocial e espiritual.

#### **CAPÍTULO 4 – APELIDOS E XINGAMENTOS COMO INSTRUMENTOS DO RACISMO: ENTRE O AFETO E A OFENSA**

É importante ressaltar que a intenção principal desta parte do artigo é, além de demonstrar a perversidade que o racismo apresenta através da linguagem, evidenciar como essa forma de discriminação não apenas compõe o cotidiano de pessoas negras desde a infância nas relações brasileiras, mas também afeta de maneira profunda sua saúde física, mental e social. O agrupamento dos termos racistas usados como adjetivos em situações relacionais busca uma forma crítica de se debruçar sobre as vivências das crianças negras frente ao repertório linguístico ofensivo presente na cultura brasileira. Ao reconhecer essas expressões como práticas racistas manifestas pela linguagem, é possível compreender seus efeitos amplos sobre o corpo, a subjetividade e as interações sociais, favorecendo, assim, estratégias mais efetivas de enfrentamento e erradicação desse tipo de violência.

---

#### 4.1 Apelidos e o racismo

A prática de apelidar é um fenômeno amplamente disseminado no Brasil, com variações regionais e semânticas, mas presente em todo o território como expressão da cultura popular e do ideal de afetividade nacional, sendo assim se apresenta como um sintoma quase inevitável das relações interpessoais de qualquer brasileiro. No entanto, as representações e funções dessa prática, quando contextualizadas frente aos marcadores sociais, podem variar do afeto para a ofensa instantaneamente, algo que vem se apresentando de forma normalizada na medida em que a prática se mantém historicamente.

Ao discorrer sobre o autoritarismo brasileiro, Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 27) afirma que “no Brasil, o sistema escravocrata transformou-se num modelo tão enraizado que acabou se convertendo numa linguagem, com graves consequências”, indicando como a linguagem entra no sistema racista brasileiro como uma potente ferramenta de opressão (Schwarcz, 2019).

Os apelidos podem servir para demonstrar afeto, intimidade, para brincadeiras, relações de humor, mas também para zombar ou constranger alguém. Entretanto, com relação às pessoas negras, especificamente crianças, além dessa variação, pode-se notar que, até mesmo nas demonstrações de “apelidagem” consideradas “afetivas”, há uma carga intensa de histórico racista.

Essa associação do apelido pejorativo com a negritude parte de uma concepção mais inicial e antiga entre os brancos. Segundo Gonzalez (2020, p. 242), “é um dos modos de domesticação utilizados pelas classes dominantes brancas, estabelecer uma relação direta do termo negro com tudo aquilo que é mau, indesejável, feio, sujo, sinistro, maldito”.

Mesmo que as duas formas de ofensa sejam amplamente nocivas, os apelidos se alimentam de uma estrutura mais elaborada e sutil, dependendo do contexto e do termo empregado. Existe uma associação e interpretação mais complexa da situação, das relações e das características que atribuem sentido ao apelido. Apelidar conta com uma análise de qualidade física, moral, contextual e adaptativa (se faz sentido e se pode “pegar”). Portanto, conforme descreve Fernanda Flores Amorim Pereira (2011, p. 24), “é evidente que essa ação, independente da carga afetiva envolvida, pode reforçar estigmas negativos que envolvam classe, raça e gênero”.

Tabela – Apelidos racistas com base em personagens e elementos da cultura popular

Apelido/Personagem	Tipo/Origem	Explicação histórica e cultural	Referência Contextual
<b>Benedito</b>	Personagem negro da novela "Sinhá Moça" (1986)	Usado para zombar de meninos negros, associando-os a estereótipos de submissão e servidão.	ARAÚJO (2000, p. 137); GOMES (2015, p. 55)
<b>Chica Da Silva</b>	Personagem da teledramaturgia e literatura Brasileira	Apesar da personagem ser reconhecida como alguém que ascendeu socialmente, é usada como forma de estigmatizar e ofender meninas com objetivo de diminuir qualquer sinal de autoestima e confiança de meninas negras.	NASCIMENTO (2022, p. 155).
<b>Tião / Tião Macalé</b>	Comediante negro da "Escolinha do Professor Raimundo"	Usado como insulto para meninos negros, associado à ignorância, comichade e feiura.	CAVELLEIRO (2003, p. 88); GOMES (2015, p. 72)
<b>Saci</b>	Personagem do folclore afro-brasileiro	Apelido comum para crianças negras, especialmente as de cabelo crespo, usado com tom de zombaria.	(CRUZ, 2014, p. 174)
<b>Nega Maluca</b>	Figura estereotipada da cultura popular brasileira	Usada como apelido para meninas negras, com conotação de descontrole emocional e hipersexualização.	GONZALEZ (2020, p. 198); BENTO (2002, p. 29)
<b>Negrinho Do Pastoreio</b>	Figura Folclórica	Figura folclórica usada de forma pejorativa para marcar crianças negras como subalternas ou "serviçais", reforçando estereótipos racistas.	(CRUZ, 2014, p. 174)
<b>Pelé</b>	Jogador de futebol mais famoso da história brasileira	Usado como apelido para meninos negros, em diversos casos de forma pejorativa por conta do seu cor de pele preta retinta e traços físicos. (No começo da carreira do pelé seu apelido era "Crioulo" ou "Gasolina" por conta de sua cor)	ESTADÃO - Supecraques Negros (2017)
<b>Zé Pequeno</b>	Personagem de "Cidade de Deus" (2002)	Usado para marcar crianças negras como violentas ou criminosas, reforçando estereótipos de marginalidade.	ARAÚJO (2000, p. 139); ALMEIDA (2018, p. 103)
<b>Lacraia</b>	Ícone da TV brasileira representante do Funk carioca LGBTQIAPN+. Dançarina queer retratada de forma humorística e interpretada a época de maneira vexatória. Através de sua dança e apresentação pessoal.	Usada como apelo para crianças negras que dançavam ou não, e pessoas queer. Para pessoas negras da comunidade LGBTQIAPN+esse era um apelido comum.	Notícia Preta (2024)
<b>Vera Verão</b>	Personagem queer do programa humorístico "A Praça é Nossa". Interpretado pelo multiartista Jorge Laffond.	Crianças e homens negros eram apelidados de Vera Verão ao se comportarem de qualquer forma que nao fosse considerado "masculino" o suficiente para os padrões da sociedade. Virou referência de homossexualidade no senso comum sendo insumo para insultos e apellidos.	FERREIRA, p.68. 2023; PORTAL GÉLEDES. 2022
<b>Zeca Urubu</b>	Personagem negro e vilanesco do desenho "Pica-Pau"	Usado pejorativamente para apelar homens negros, por associação à aparência animalizada, ambição desonesta e astúcia negativa.	Gonzalez (2020, p. 201); CAVALLEIRO (2003, p. 89)
<b>Zé Pelintra</b>	Personagem espiritual da Umbanda, associado à malandragem	Apesar de ser uma entidade respeitada em tradições afro-brasileiras, foi transformado em estereótipo racista e usado como apelido depreciativo para homens negros, sugerindo malandragem, ilegalidade ou astúcia negativa.	GONZALEZ (2020, p. 199); BENTO (2002, p. 36)

Tabela 1 - Produzida pelo autor

## 4.2 Xingamentos e o racismo

Xingar é uma ação presente nos humanos como fenômeno comportamental que se constitui do repertório em que se baseia a linguagem. Como ação que depende da comunicação e da expressão de determinada sociedade, está presente em diversas culturas e geralmente se apresenta como um ímpeto a todo ser humano, conectada a sentimentos de raiva, ódio ou insatisfação. Comum em situações de confronto ou nas ocasiões em que uma pessoa ou um grupo tem o objetivo de ofender, expor outra pessoa ou grupo a situações vexatórias. Conforme define o dicionário Michaelis da língua portuguesa, xingar significa: 1 - Dizer palavrões ou palavras ofensivas contra alguém; insultar, injuriar, ofender. 2 - Dirigir palavras ásperas ou grosseiras a alguém por raiva, irritação, desprezo etc.

Considerando a realidade que forma a conjuntura das relações étnico-raciais brasileiras, proferir ofensas que envolvam a cor da pele ou o grupo racial específico tem como motivação, na verdade, somente o racismo. Apesar de parecer uma afirmação óbvia, a crença de que não existe racismo no Brasil provoca a necessidade de justificar essa afirmação. Essa ideia fica explícita conforme Nascimento (2018, p. 111) apresenta ao dizer que: “A palavra-senha do imperialismo da brancura e do capitalismo que lhe é inerente responde a apelidos bastardos como - assimilação - aculturação - miscigenação, mas sabemos que embaixo da superfície teórica, permanece intocada a crença na inferioridade do africano e de seus descendentes”.

A conclusão de Abdias indica a importância de compreender as atitudes racistas que acontecem no contexto das relações “orgânicas” de forma naturalizada e “comum” no cotidiano. Fazem parte do que está além dessa ideia superficial e propositada de uma branquitude que vive sem assumir essa “culpa” pelo racismo propagado. Usam a justificativa de que, se não há racismo “institucionalizado” ou “violência explícita”, logo não existe razão para se preocupar com o que ocorre nas relações “individuais”, como é o caso dos xingamentos e da cultura de apelidagem – essa fica no campo da “frescura” e da falta de resiliência de quem sofre ao denunciar (Nascimento, 2018).

Por décadas, os xingamentos racistas foram juridicamente considerados como injúria racial, ou seja, menos grave e pontual, não como racismo – um problema gigantesco para as políticas

públicas e para a ideia de nação harmoniosa que o Brasil defende incansavelmente. Entretanto, enquanto o repertório de xingamentos racistas foi se formando com elementos da cultura e da história, no decorrer dos acontecimentos que marcam a formação de consciência do brasileiro sobre a raça negra, a intenção de manter a hegemonia e a hierarquização social utilizou os xingamentos como expressão de poder.

Essa prática se caracteriza como uma violência mais explícita, uma ação final, a ponta do preconceito expressa. Mas, entre os brancos enquanto grupo social, a sensação de liberdade e despenalização impera. Considerando essa hierarquização das relações raciais no Brasil, a criança negra experimenta essa relação com xingamentos dessa natureza com mais profundidade na escala das vulnerabilidades, justamente frente à realidade que mantém a normalização e a passabilidade desse tipo de violência (Nascimento, 2018).

É importante compreender que os apelidos e xingamentos racistas não se limitam à linguagem, mas atravessam o corpo e a psique das pessoas negras, sobretudo das crianças. A repetição dessas violências simbólicas produz marcas emocionais profundas, que se manifestam em crises de ansiedade, excesso de raiva, sentimentos de inferioridade, despersonalização e quadros depressivos. A subjetividade negra, ao ser constantemente atacada por meio das palavras, é empurrada para um estado de tensão permanente, onde o simples ato de existir se torna uma luta contra as representações negativas impostas. Fanon (2020), ao refletir sobre o impacto do racismo na constituição do sujeito negro, indica que o corpo negro é transformado em um espelho distorcido, no qual a identidade é fragmentada pelo olhar e pela linguagem do outro. Assim, os xingamentos e apelidos não são apenas ofensas isoladas, mas dispositivos de manutenção da estrutura racista que insiste em definir quem o negro pode ser.

Tabela – Xingamentos com base na conjuntura sócio-histórica e elementos da cultura:

Apelido/Expressão	Tipo/Origem	Explicação histórica e cultural	Referência/Notícia/Fonte
Macaco	Xingamento de origem eugenista. Surge das postulações de cientistas que acusavam negros africanos de serem inferiores e selvagens.	Comparação racista de negros a primatas, usada para desumanizar desde o período colonial. Ainda muito recorrente no futebol e escolas, mesmo sendo criminalizado.	Cavalleiro (2003, p. 88);
Crioulo	Termo colonial original do latim "Crear", para adjetivar pessoas nascidas em colônias hispânicas. Usado no Brasil no período colonial para se dirigir a pessoas descendentes de europeus com africanos ou indígenas.	Tornou-se xingamento racista com carga histórica de desprezo. O xingamento tem como forma de provocação revitimizar pessoas negras ao invocando para a história escravocrata.	Gonzalez (2020, p. 198);
Sarará	Palavra de origem africana. Adjetivo usado para se referir a pessoas negras não retintas de cabelo crespo e arruivadas.	Associado à mestiçagem indesejada, usado como termo pejorativo.	Schwarcz (2012, p. 104)
Escravo(a)	Termo ofensivo ligado à história escravocrata	Usado para rebaixar pessoas negras a condição histórica de submissão.	Bento (2002, p. 44); Gomes (2015, p. 72)
Mucama	Palavra de origem africana (Mu'kama). Nome dado as mulheres escravizadas que trabalhavam na Casa Grande durante a escravatura.	Xingamento comum entre a elite brasileira, direcionado a mulheres negras com objetivo de diminuir suas habilidades, potencialidades e atribuições.	Gonzalez (2020, p. 81);
Fubá	Farinha de Milho muito popular na cultura alimentar brasileira. Conhecido por ser um item de cesta básica versátil e barato.	Expressão de confusão identitária e zombaria à mestiçagem. Também associado a pobreza.	Schwarcz (2012, p. 109); Oliveira (2003, p. 63)
Carvão	Item histórico a base de madeira torrada de coloração densamente escura. Ligado a energia, aquecimento e fogo. Já teve várias funções sociais.	Usado como termo ofensivo ligado à cor preta, indicando sujidade, estrago, tragédia por se referir como objeto queimado/torrado.	Cavalleiro (2003, p. 89); Bento (2002, p. 37)
Urubu	Ave necrófaga de pelugem preta. Culturalmente associada à morte ou sujeira por comportamentos biológicos de seu ecossistema.	Termo usado para zombar de pessoas negras, especialmente pela cor da pele, ligando sua imagem a algo indesejado ou repulsivo.	Gonzalez (2020, p. 200); Cavalleiro (2003, p. 89); Nogueira (1955).

Tabela 2 – Produzida pelo autor

## Capítulo 5 – REPRESENTATIVIDADE: CONDIÇÕES OBJETIVAS PARA TRANSFORMAR

O conceito de representatividade neste estudo se opõe à representação em uma perspectiva semântica e prática. A representação é entendida como a forma em que o sujeito negro é retratado sob o olhar do outro (branco), enquanto a representatividade se configura como reivindicação por uma presença equitativa e respeitosa, sob o olhar de quem é representado. Nesse sentido, expressa uma significação simbólica que considera todos os elementos raciais e

culturais da sociedade brasileira, distanciando-se da ideia ilusória de que “somos todos iguais” (Hasenbalg, 2022).

O Teatro Experimental do Negro, idealizado por Abdias do Nascimento, simboliza um marco histórico na luta pela presença negra nas artes cênicas brasileiras. Mais do que um espaço artístico, o TEN atuou como núcleo político e educacional, alfabetizando, formando atores e promovendo debates sobre as pautas raciais do país. Conforme Nascimento (2018, p. 189), sua fundação foi um “protesto ativo contra uma sociedade que ser latina, branca e europeia, apagando a verdadeira natureza cultural e étnica de metade da população”. Essa articulação inspirou diversos movimentos que hoje continuam a luta por representatividade negra nas produções culturais e midiáticas.

A publicidade e o audiovisual, por muito tempo, reproduziram uma estética branca, omitindo a população negra como sujeito de consumo e pertencimento. Para Hasenbalg (2022, p. 133), “a produção publicitária não é alheia à relação simbólica das relações raciais no Brasil”. Contudo, pesquisas recentes indicam mudanças: segundo a 10ª edição do estudo realizado pela HEADS em parceria com a ONU Mulheres (2021), houve aumento da presença de pessoas negras em campanhas, ainda que em papéis secundários e estereotipados. Como destaca Ribeiro (2019, p. 75), “a representatividade importa” porque permite que crianças negras se vejam como protagonistas, reconhecendo-se como sujeitos de poder e sucesso.

A dramaturgia nacional, especialmente na Rede Globo, também passou a reconhecer essa necessidade. Em 2024, a emissora alcançou 43% de profissionais negros em suas produções e elencos, com três atrizes negras protagonizando novelas no mesmo ano (EXAME, 2025). Iniciativas como o Laboratório de Narrativas Negras e Indígenas (Lanani) ampliam essa transformação ao investir na formação de roteiristas e autores negros, criando novas perspectivas sobre a negritude na arte e na mídia.

Esses avanços, ainda que graduais, indicam uma mudança na estrutura simbólica da representação racial brasileira. A representatividade negra, quando construída por sujeitos negros, atua como ferramenta política e terapêutica, capaz de restaurar a autoestima, reconfigurar identidades e transformar as condições objetivas de existência — tanto no campo da arte quanto na saúde social e mental de uma população historicamente silenciada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que indica Sérgio Buarque de Holanda (1995), o Brasil tem questões profundas com sua identidade. A noção fragmentada, ambígua e subjetiva de identidade nacional parece se refletir no projeto de nação até hoje. Nessa configuração, é possível sugerir que uma pessoa ou grupo social racista projeta suas piores inseguranças no sujeito negro, principalmente diante da concepção frágil que tem de si mesmo sob a defasagem de seu próprio tipo ideal. O herói sem nenhum caráter não seria o branco, mas o “povo brasileiro”, ou seja, negro, miscigenado.

Como é possível observar no diálogo entre as referências, a afetividade intensa e impulsiva que marca as relações interpessoais no Brasil cria o cenário ideal para a impunidade frente ao racismo contra crianças. Isso permite que apelidos sejam interpretados como gestos de carinho e xingamentos como simples desvios de conduta social. No sentido hierarquizado das relações, o branco se aproveita das condições sócio-históricas da pessoa negra para se validar e se distanciar das próprias mágoas por não ser nórdico, vivendo em conflito com sua síndrome de “vira-lata”. É nesse lapso identitário e ideológico que uma das faces mais obscuras do racismo brasileiro emerge e concretiza a rejeição da sociedade ao seu papel de cuidado e proteção às crianças negras, assumindo objetivamente a intenção de ferir e destruir qualquer possibilidade de desenvolvimento integral dessa parcela da população.

A infância de qualquer criança negra no Brasil está exposta a xingamentos e ofensas: é um apelido na família, um xingamento na escola, o famigerado “bullying” — que, no contexto da população negra, pode ser compreendido como novas estratégias do genocídio. Essas estratégias, conforme as referências e fatos noticiados, se sofisticaram à medida que o cerco sobre o racismo se fecha. A apelidação surge como ferramenta de opressão ao incluir novos personagens para estereotipar pessoas negras, fórmula clássica de estigmatização. Exemplo disso é o que ainda acontece com jogadores de futebol, as denúncias escolares e a perpetuação do xingamento “macaco” nas mais diversas relações. Proporcionalmente à lógica de desenvolvimento capitalista, novas formas de racismo surgem enquanto as antigas persistem. A infância, nesse conjunto de crueldades, permanece como o período mais vulnerável, em razão do momento de seu desenvolvimento biopsicossocial. Representar a falha no projeto de embranquecimento do Brasil prometido aos brancos concretiza-se como um fardo desproporcional à fase da infância.

Esta pesquisa não nasceu com o propósito de verificar “se” o racismo expresso através dos xingamentos se baseava em elementos da cultura, mas de analisar e descrever como e por que acontece. O que fica evidente, ao analisar as referências e contextualizá-las com as vivências coletivas e pessoais, é que discriminar por meio de apelidos ou xingamentos causa interrupções graves no universo lúdico e seguro de uma criança, prejudicando a percepção de sua identidade, cidadania e humanidade. Esse fenômeno provoca dores seculares na população negra e, no contexto da subjetividade, gera ausência de afeto, infelicidade e mágoa de forma destrutiva e dolorosa, podendo levar à completa indiferença no ato de brincar.

“Mãe, me tira dessa escola, por favor! Eu não aguento mais!” Diz uma criança à mãe após meses de sofrimento físico e psíquico por discriminação em uma escola de São Caetano do Sul, segundo matéria do *Notícia Preta* (2023). O racismo com as crianças negras é sorrateiro e atua em diferentes espectros. Seria eficaz depositar toda a expectativa apenas na representatividade cultural e midiática para solucionar a discriminação através de xingamentos e apelidos? Não! No entanto, interromper a lógica narcísica da branquitude torna-se uma cobrança necessária. A representatividade cultural tem impacto direto na autoestima e nas condições de enfrentamento de crianças e pessoas negras. O imaginário e o inconsciente coletivo possuem grande parte da responsabilidade nesses atravessamentos e devem ser combatidos em todos os contextos que envolvam a representação da nossa existência em sociedade — seja ela política, artística, física, moral, jurídica, religiosa, educacional ou corporativa.

As políticas públicas são responsáveis pelo caminho que a cultura e a educação trilham em um país. Para unificar a nação no enfrentamento ao racismo nas infâncias, é necessário fortalecer projetos que confrontam a lógica que produz a matéria-prima do repertório racista brasileiro: financiar produções culturais que protagonizem narrativas negras, valorizar a contribuição africana, combater juridicamente as práticas racistas, investir em projetos educacionais que ampliem o repertório das identidades negras brasileiras, efetivar o alcance da Lei nº 10.639/2003 e enfrentar o racismo recreativo, institucional e estrutural com a força da lei.

Contudo, como sociedade, cabe-nos a revolta e a cobrança. É fundamental nos organizarmos enquanto grupo social para valorizar e defender nossas pautas, fortalecer o repertório de brinquedos e brincadeiras que contemplem nossa negritude nas escolas e nas casas, apoiar iniciativas coletivas pela educação equitativa e ampliar nossa capacidade crítica para discernir quais pautas são realmente relevantes em tempos de tanta superficialidade.

Uma das iniciativas inspiradoras na luta antirracista é o Projeto PIA (Proteção Integral para Adolescentes), desenvolvido pela UNICEF em parceria com o Governo Federal, por meio do Ministério da Igualdade Racial. Trata-se de uma estratégia de proteção integral voltada às vulnerabilidades e aos direitos das infâncias negras desde os primeiros anos de vida. Paralelamente, o governo brasileiro tem intensificado as políticas de combate ao racismo através dos Ministérios da Cultura, dos Direitos Humanos e da Igualdade Racial. O Ministério da Saúde, em 2023, lançou uma Estratégia Antirracista voltada à promoção da saúde integral da população negra e indígena, visando à redução da mortalidade materno-infantil com atenção às particularidades étnico-raciais.

Tais iniciativas se alinham ao debate nacional sobre reparação e valorização da herança africana, como demonstrado na Conferência da Diáspora Africana nas Américas, realizada em Salvador em 2024, que reuniu autoridades e especialistas para discutir panafricanismo, memória, restituição e reparação. Que possamos, através dessas e de outras ações, alcançar uma sociedade em que nenhuma criança negra seja atravessada pelo termo “macaco” ou qualquer outro adjetivo pejorativo — e que não faltem insumos culturais e afetivos para isso.

As orientações de continuidade de pesquisas vinculadas à cultura e à população afro-brasileira de Virgínia Bicudo, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e Márcia Eurico foram seguidas neste trabalho a partir da articulação entre vivências coletivas e individuais. Considerando a atual conjuntura dessa população no Brasil, segue necessária a produção de novos estudos e reflexões no âmbito das questões raciais. Desejo, assim, que a população negra alcance condições de humanidade que permitam a construção de suas identidades de forma física e mentalmente saudável, em um Brasil que é tão africano e indígena quanto é branco.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. Z. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25–57.

BICUDO, V. L. *Relações entre negros e brancos na escola*. In: UNESCO. *O preconceito racial de brancos e negros em São Paulo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. p. 191–238. (Inquérito UNESCO).

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Atualizado até 2024. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca\\_mdhc\\_2024.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca_mdhc_2024.pdf). Acesso em: 18 jun. 2025.

CAVALLEIRO, E. *Racismo e antirracismo na educação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2003.

CRUZ, T. M. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 157–188, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/NhFrvvHhHcwry6Z6Yg9pPKM/?lang=pt>. Acesso em: 29 mai. 2025.

DAUFENBACK, V. *Macunaíma: a construção de um herói às avessas*. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ESTADÃO. *Supercraques negros. O Estado de S. Paulo*, 2017. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/esportes/o-avanco-do-racismo/supercraques-negros.php>. Acesso em: 27 mai. 2025.

EURICO, M. C. *Racismo na infância*. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FEIERSTEIN, D. *El genocidio como práctica social: entre el nazismo y la experiencia argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

FERREIRA, G. O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, 1945-66. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 117, p. 141–160, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/mdhwVdVQQdjVhwhYXNb9LCn/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

FERREIRA, J. C. S. da S. *Jorge Lafond: a história da primeira bicha preta da televisão brasileira*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social, Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. (Obra original publicada em 1933.)

G1. Mais de 3 mil boletins de ocorrência de casos de racismo em escolas estaduais de SP foram registrados em 2023. *G1*, São Paulo, 10 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/10/mais-de-3-mil-boletins-de-ocorrencia-de-casos-de-racismo-em-escolas-estaduais-de-sp-foram-registrados-em-2023.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2025.

G1 MINAS. Unimed terá que indenizar em R\$ 39 mil ex-funcionário chamado de 'Vera Verão' por ofensas racistas. *G1*, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/08/19/unimed-tera-que-indenizar-em-r-39-mil-ex-funcionario-chamado-de-vera-verao-por-ofensas-racistas.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2025.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2015.

GUIMARÃES, A. S. A. O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 22, n. 1, p. 9–28, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zwv7mC567BTC8kfFXCfrhj/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

HEADS Propaganda; ONU Mulheres. *TODXS: uma análise da representatividade na publicidade brasileira*. Brasília: ONU Mulheres, 2022. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA\\_TODXS10\\_Final-PORT.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/03/UA_TODXS10_Final-PORT.pdf). Acesso em: 4 jun. 2025.

INSTITUTO DA MULHER ODARA. Vídeo em que policiais expõem e coagem crianças negras em abordagem ilegal sem a presença de adultos de referência. Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/2517073868633532>. Acesso em: 15 mai. 2025.

LACERDA, J. B. *Contribution à l'étude des races humaines du Brésil* [Contribuição ao estudo das raças humanas do Brasil]. Rio de Janeiro: Imprimerie Nationale, 1911.

LINNAEUS, C. *Systema Naturae per regna tria naturae*. 10. ed. Stockholm: Laurentii Salvii, 1758. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Sistema\\_Naturae\\_\(1758\).pdf&page=5](https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Sistema_Naturae_(1758).pdf&page=5). Acesso em: 10 mai. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ministério da Saúde lança estratégia antirracista para a área. *Ministério da Saúde*, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/ministerio-da-saude-lanca-estrategia-antirracista-para-a-area>. Acesso em: 11 jun. 2025.

NASCIMENTO, B. *A senzala vista da casa grande*. In: RATTIS, Alex (org.). *O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NOGUEIRA, O. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

OZÓRIO, L. Globo quer 50% de negros na companhia até 2030 – incluindo no elenco das novelas. *Exame*, 13 maio 2025. Disponível em: <https://exame.com/esg/novelas-da-globo-terao-50-de-pessoas-negras-no-elenco-ate-2030/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

PEREIRA, F. F. A. *Uma descrição do uso dos apelidos em Cláudio*. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2011.

QUINALHA, R. *Movimento LGBTI+ – Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, H. “Mãe me tira dessa escola”: filho de empresária e ativista Patrícia Santos sofre racismo pela quarta vez em escola de São Caetano do Sul. *Mundo Negro*, 2 out. 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/mae-me-tira-dessa-escola-filho-de-empresaria-e-ativista-patricia-santos-sofre-racismo-pela-quarta-vez-em-escola-de-sao-caetano-do-sul/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

RODRIGUES, R. N. *Os africanos no Brasil: ensaios etnológicos e sociológicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. (Coleção Brasileira, v. 40). Publicado postumamente, com organização de Arthur Ramos.

SANTOS, J. *Democratização do colo: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas*. Campinas: Papyrus Editora, 2025.

SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.